

Agronegócio e geopolítica: os desafios do agronegócio brasileiro frente às disputas comerciais e exigências globais

Claudemir Bertuolo

Doutor

UniRV - Universidade de Rio Verde
Fazenda Fontes do Saber - Campus Universitário
Rio Verde/GO
CEP 75901-970
e-mail: cbertuolo@uol.com.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8846786059542387>

Leninne Guimarães Freitas

Doutora

UniRV - Universidade de Rio Verde
Fazenda Fontes do Saber - Campus Universitário
Rio Verde/GO
CEP 75901-970
e-mail: leninne@uol.com.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6095186535470973>

Ivone Vieira Pereira

Doutora

UniRV - Universidade de Rio Verde
Fazenda Fontes do Saber - Campus Universitário
Rio Verde/GO
CEP 75901-970
e-mail: ivoneprecisao@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0206819055380775>

Resumo: Este estudo teve por objetivo analisar as percepções de 17 profissionais do agronegócio brasileiro acerca dos desafios impostos pelas disputas comerciais e pelas crescentes exigências globais, buscando compreender as limitações, estratégias adotadas e perspectivas de sustentabilidade do setor. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas, complementadas por pré-teste e análise temática detalhada dos dados coletados, assegurando rigor metodológico e profundidade interpretativa. Os resultados indicaram que o agronegócio brasileiro enfrenta um ambiente geopolítico complexo, marcado por barreiras tarifárias e não tarifárias, pressões por sustentabilidade ambiental e responsabilidade social, além de entraves estruturais relacionados à logística e ao acesso a financiamentos. Entretanto, evidenciaram-se também estratégias inovadoras e adaptativas, como a incorporação de tecnologias digitais, o fortalecimento da governança corporativa, a diversificação produtiva e a capacitação contínua, elementos que sinalizam um potencial significativo para consolidar a competitividade e sustentabilidade do setor no cenário internacional.

Palavras-chave: Agronegócio; Geopolítica; Meio ambiente.

Date of Submission: 11-06-2025

Date of Acceptance: 24-06-2025

I. Introdução

O agronegócio brasileiro representa um dos pilares fundamentais da economia nacional, configurando-se como um setor estratégico que responde por significativa parcela do Produto Interno Bruto (PIB), das exportações e da geração de empregos. A vasta extensão territorial do Brasil, aliada a um clima favorável e à diversidade de biomas, oferece condições propícias para a produção agrícola e pecuária em larga escala, consolidando o país como um dos maiores players globais no fornecimento de commodities como soja, milho,

carne bovina e café. Contudo, este protagonismo internacional não ocorre de forma isolada, estando profundamente entrelaçado a dinâmicas geopolíticas complexas que moldam as relações comerciais e políticas entre nações (Santos; Ramos Clementino; Borges, 2022).

A inserção do agronegócio brasileiro no mercado mundial está sujeita a constantes tensões decorrentes das disputas comerciais internacionais, que refletem interesses econômicos e estratégicos divergentes. Países parceiros e concorrentes adotam barreiras tarifárias, políticas protecionistas e exigências regulatórias específicas, que impactam diretamente a competitividade dos produtos brasileiros. As disputas comerciais não se limitam ao âmbito econômico, mas também envolvem questões diplomáticas, ambientais e sociais, demandando do Brasil capacidade de negociação e adaptação frente a um cenário global multifacetado e dinâmico (Quintam; Assunção, 2023).

Além disso, o agronegócio enfrenta pressões crescentes relacionadas às exigências globais por sustentabilidade ambiental, responsabilidade social e rastreabilidade dos produtos. Organizações internacionais, consumidores finais e governos estrangeiros têm ampliado as demandas por práticas agrícolas sustentáveis, redução do desmatamento e mitigação das mudanças climáticas, inserindo o setor em um contexto onde o equilíbrio entre produtividade e preservação ambiental se torna imprescindível. Essas exigências elevam os custos de produção e exigem investimentos em tecnologias e processos inovadores, configurando um desafio adicional para o agronegócio brasileiro (Petrônio et al., 2022).

Outro aspecto relevante diz respeito à volatilidade dos mercados internacionais, que afeta os preços das commodities e gera incertezas para os produtores brasileiros. A dependência de mercados externos torna o setor vulnerável a flutuações cambiais, políticas comerciais e crises globais, como evidenciado nas recentes tensões comerciais entre Estados Unidos e China, além dos impactos da pandemia da COVID-19. Tal cenário demanda estratégias robustas de gestão de riscos e diversificação de mercados para assegurar a estabilidade econômica do setor (Caligaris et al., 2022).

A complexidade do contexto geopolítico também impõe desafios relacionados à segurança alimentar, à soberania nacional e à governança do uso do território. O agronegócio brasileiro é objeto de atenção internacional não apenas por seu potencial produtivo, mas também pelos impactos socioambientais que suas atividades podem acarretar, colocando o Brasil sob o escrutínio de organismos multilaterais e entidades ambientais. Essa conjuntura exige um alinhamento estratégico entre políticas públicas, setor privado e sociedade civil para conciliar interesses econômicos e compromissos ambientais (Ferreira; Vieira Filho, 2025).

Nesse sentido, o Brasil precisa fortalecer sua capacidade diplomática e institucional para lidar com as demandas internacionais, promovendo políticas que estimulem a inovação tecnológica, a sustentabilidade e o comércio justo, ao mesmo tempo em que preserva sua competitividade no mercado global. O desenvolvimento de cadeias produtivas mais resilientes e a ampliação do acesso a mercados diferenciados tornam-se imperativos diante das incertezas geopolíticas que influenciam diretamente o agronegócio (Barros; Machado; Ferreira, 2024).

Diante deste contexto multifacetado e desafiador, o objetivo desta pesquisa foi analisar as percepções de 17 profissionais atuantes no agronegócio brasileiro, buscando compreender as principais dificuldades, estratégias e perspectivas adotadas para enfrentar as disputas comerciais e atender às exigências globais, contribuindo assim para a construção de um setor mais sustentável e competitivo no cenário internacional.

II. Materiais e métodos

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, a fim de apreender as complexidades, nuances e múltiplas dimensões das percepções dos profissionais inseridos no contexto do agronegócio brasileiro diante das contingências geopolíticas e das demandas globais. Tal enfoque epistemológico possibilita uma compreensão aprofundada e contextualizada dos fenômenos estudados, extrapolando os limites das análises quantitativas tradicionais ao privilegiar a riqueza interpretativa dos discursos e experiências individuais.

O delineamento metodológico contemplou a realização de entrevistas semiestruturadas, instrumento que se mostrou adequado para a elicitación de narrativas e reflexões profundas, garantindo simultaneamente flexibilidade e controle na coleta dos dados. Para assegurar a validade e a pertinência dos tópicos abordados, procedeu-se inicialmente a um pré-teste com um profissional experiente do setor, o qual forneceu subsídios para o refinamento do roteiro de entrevistas, adequando a linguagem e a ordem das questões às especificidades do universo investigado.

A amostragem adotada baseou-se em critérios não probabilísticos, pautados na representatividade e na diversidade dos perfis profissionais, com ênfase na obtenção de dados saturados, o que justificou a seleção de 17 profissionais que atuam no setor do agronegócio nacional. As entrevistas foram realizadas de forma presencial e virtual, conforme conveniência dos participantes, tendo sua duração variado entre 45 e 90 minutos, garantindo espaço para explanações detalhadas e contextualizadas.

O processo de análise dos dados seguiu os preceitos da análise temática, englobando as etapas de transcrição integral das entrevistas, leitura flutuante, codificação sistemática e categorização, permitindo a identificação de padrões, convergências e singularidades nos discursos. A triangulação metodológica foi

promovida pelo confronto das evidências empíricas com o corpus teórico contemporâneo, enriquecendo a interpretação e conferindo robustez à argumentação.

III. Resultados e discussões

Os dados coletados a partir das entrevistas com 17 profissionais atuantes no agronegócio brasileiro revelam um cenário multifacetado, permeado por desafios complexos de natureza geopolítica, comercial e ambiental. O consenso entre os participantes indica que o agronegócio não pode mais ser entendido exclusivamente como atividade produtiva, mas sim como um componente estratégico inserido em uma rede global de interesses, conflitos e exigências.

Um dos entrevistados sintetizou esse entendimento ao afirmar: “O agronegócio hoje não é só produzir, é negociar em um tabuleiro global onde cada movimento é fiscalizado, onde pressões políticas e econômicas de grandes potências definem nossa margem de manobra (E09).” Esse depoimento reflete a consciência aguçada dos profissionais sobre a importância da dimensão geopolítica na formulação das estratégias do setor.

Em consonância, a interferência das disputas comerciais internacionais foi apontada como um fator central que limita a previsibilidade e a estabilidade dos negócios. De acordo com o relato de um dos respondentes: “As tarifas impostas em momentos de tensão entre blocos econômicos, como EUA e China, impactam diretamente nossos contratos e projeções de exportação. Precisamos estar preparados para variações bruscas e muitas vezes imprevisíveis (E02).” Essa volatilidade mercadológica exige dos agentes do agronegócio uma capacidade constante de adaptação e de desenvolvimento de estratégias de mitigação de riscos que transcendam a simples produção agrícola.

Além disso, a crescente rigidez das exigências ambientais e sociais dos mercados globais foi destacada como um desafio intrínseco à manutenção da competitividade internacional, conforme relatado pelo respondente E03: “Não basta produzir em larga escala; é imperativo que façamos isso com responsabilidade ambiental. A pressão por certificações, monitoramento do uso da terra e comprovação de práticas sustentáveis é cada vez mais rigorosa.” Tal perspectiva indica a necessidade de incorporação de práticas sustentáveis e de governança ambiental no cerne das operações, implicando custos adicionais e mudanças estruturais nos processos produtivos.

A adequação às normas ambientais internacionais, embora reconhecida como indispensável, representa um desafio significativo para muitos produtores, sobretudo os de menor escala, que enfrentam limitações técnicas e financeiras. Conforme expresso por um entrevistado: “Muitos pequenos produtores sentem-se excluídos, pois não dispõem de recursos para implementar as exigências e acabam perdendo espaço no mercado internacional (E15).” Esse ponto ressalta a urgência de políticas públicas e iniciativas privadas voltadas à capacitação e ao suporte financeiro para inclusão desses atores no comércio global sustentável.

No campo das barreiras comerciais, as não tarifárias, como padrões sanitários e fitossanitários, são vistas como entraves tão severos quanto as tarifas propriamente ditas, pois, segundo o respondente E02, “as exigências fitossanitárias e certificações rigorosas, quando mal interpretadas, funcionam como barreiras disfarçadas para limitar a entrada de produtos brasileiros em certos mercados.” Tal percepção enfatiza a necessidade de uma atuação diplomática mais eficaz e de investimentos em infraestrutura sanitária para garantir o atendimento às normas internacionais.

Outro aspecto que emergiu com força foi a dependência do agronegócio brasileiro de mercados externos específicos, o que acarreta vulnerabilidades. Na óptica do respondente E04, “a concentração de exportações para poucos países nos deixa à mercê de decisões políticas e econômicas que podem comprometer nosso faturamento.” Tal concentração impõe a necessidade de diversificação de mercados e de fortalecimento da presença em mercados emergentes e alternativos.

Na dimensão tecnológica, foi reiterada a importância da inovação como mecanismo para enfrentar as demandas globais e melhorar a eficiência produtiva. Um pesquisador do setor comentou: “Investimentos em agricultura de precisão, biotecnologia e digitalização são fundamentais para aumentar a produtividade e atender a padrões ambientais, mas o acesso a essas tecnologias ainda é desigual.” O acesso limitado a recursos tecnológicos, especialmente para pequenos e médios produtores, constitui um desafio para a uniformização da competitividade do setor.

Em complemento, a interlocução com instituições de pesquisa e desenvolvimento foi destacada como estratégica para fomentar a inovação e a sustentabilidade. Um entrevistado ressaltou: “Parcerias com universidades e centros tecnológicos podem impulsionar soluções adaptadas à realidade brasileira e às exigências do mercado.” Essa colaboração interinstitucional é vista como um caminho promissor para superar gargalos técnicos e ampliar o potencial exportador.

A questão da logística também foi citada com frequência como um fator crítico para o agronegócio, conforme apontando pelo respondente E09, que ressaltou que “problemas na infraestrutura de transportes e portos aumentam custos e reduzem a competitividade, impactando diretamente a cadeia produtiva.” A defasagem na malha logística brasileira é, portanto, um obstáculo estrutural que dificulta o escoamento eficiente da produção, especialmente para destinos internacionais.

No tocante às políticas públicas, os entrevistados demonstraram certo ceticismo quanto à efetividade das medidas governamentais. Segundo o respondente E01, “embora existam programas de incentivo, eles são muitas vezes insuficientes e desarticulados, dificultando a integração e o desenvolvimento sustentável do setor.” Essa percepção ressalta a necessidade de maior coordenação e planejamento estratégico por parte das autoridades.

Ao abordar as questões sociais, foi ressaltada a importância do respeito aos direitos das comunidades locais e dos trabalhadores rurais. Uma profissional afirmou: “A sustentabilidade do agronegócio passa também pelo compromisso social, garantindo condições dignas de trabalho e respeito às populações tradicionais (E16).” Tal perspectiva reforça o caráter multidimensional dos desafios enfrentados pelo setor, que devem conciliar produtividade e responsabilidade social.

A pandemia da COVID-19 foi reconhecida como um fator catalisador de transformações e desafios inéditos. Conforme mencionado pelo respondente E03: “A crise sanitária provocou rupturas nas cadeias de suprimento, dificultou o acesso a insumos e provocou uma retração temporária na demanda externa.” A resiliência demonstrada pelo setor durante esse período foi destacada, mas também foram reconhecidas as fragilidades expostas pela crise global.

Os impactos das mudanças climáticas e a necessidade de adaptação às suas consequências foram reiteradamente mencionados, pois, segundo o respondente E04, “eventos climáticos extremos estão cada vez mais frequentes, afetando a produtividade e exigindo investimentos em tecnologias resilientes.” Este aspecto evidencia a urgência de integrar a agenda ambiental às estratégias empresariais e políticas públicas.

Quanto às estratégias para superar os desafios, os profissionais enfatizaram a importância do fortalecimento das cadeias produtivas integradas, promovendo maior agregação de valor e compartilhamento de conhecimento. Um entrevistado destacou: “Parcerias entre produtores, cooperativas e indústrias são essenciais para aumentar a competitividade e reduzir vulnerabilidades.” Essa cooperação é vista como um mecanismo para otimizar recursos e aumentar a eficiência.

Além disso, a capacitação contínua dos atores envolvidos no agronegócio foi apontada como fundamental. Conforme obtido na aplicação das entrevistas, foi observado que: “investir em treinamento e qualificação técnica é vital para manter o setor atualizado frente às exigências globais e tecnologias emergentes (E06).” A educação e o desenvolvimento humano constituem, portanto, pilares para a sustentabilidade do setor.

No campo da diplomacia econômica, a necessidade de ações articuladas entre governo e setor privado para ampliar acordos comerciais e reduzir barreiras foi evidenciada. O respondente afirmou: “A presença estratégica do Brasil em fóruns multilaterais e negociações comerciais é crucial para garantir acesso e condições justas para nossos produtos.” A atuação diplomática qualificada é, assim, um fator determinante para a inserção internacional do agronegócio.

Os entrevistados também relataram esforços para implementar práticas de sustentabilidade certificadas, visando não só atender às exigências externas, mas também fortalecer a imagem do agronegócio brasileiro no exterior. Segundo o relato do respondente E05: “obtivemos certificações que garantem transparência e responsabilidade, o que tem facilitado o acesso a mercados mais exigentes.” A certificação tornou-se, portanto, uma ferramenta competitiva relevante.

A percepção sobre o futuro do agronegócio é marcada por otimismo cauteloso. Um profissional comentou: “Há desafios, mas também oportunidades enormes para quem investir em inovação, sustentabilidade e abertura de novos mercados.” Essa visão mostra uma disposição para a transformação e adaptação às novas realidades globais. A digitalização foi destacada como tendência inevitável e oportunidade para ampliar a eficiência operacional. Um executivo comentou: “Tecnologias digitais permitem monitorar culturas, otimizar insumos e tomar decisões mais assertivas, reduzindo desperdícios e custos.” A digitalização está associada à modernização e competitividade.

Outro ponto enfatizado foi a importância da governança corporativa e transparência para conquistar a confiança de investidores e parceiros comerciais. O entrevistado E04 destacou que “empresas que adotam boas práticas de governança têm maior facilidade em acessar mercados e captar recursos.” A governança é vista como elemento de fortalecimento institucional.

Os profissionais destacaram ainda o papel da responsabilidade social corporativa, que vai além do cumprimento legal e envolve compromisso com o desenvolvimento das comunidades locais. Um participante declarou: “Investir na qualidade de vida das comunidades onde atuamos é parte do sucesso sustentável do negócio.” Esse compromisso é percebido como um diferencial competitivo.

No que tange à capacitação técnica, houve consenso sobre a necessidade de atualização constante diante das rápidas transformações tecnológicas e mercadológicas. Um entrevistado afirmou: “A qualificação é contínua e indispensável para acompanhar as demandas e inovar.” Isso reforça a importância da educação permanente. A análise também apontou para o desafio da atração e retenção de talentos no setor, considerado vital para a inovação e sustentabilidade. Um gestor de recursos humanos relatou: “Conseguir profissionais qualificados é um obstáculo, especialmente em regiões rurais.”

A escassez de mão de obra especializada é um ponto crítico. A questão do acesso a financiamentos foi reiterada como um entrave persistente. De acordo com o relato do respondente E01, “as condições de crédito ainda são restritivas e elevam o custo do capital.” Isso limita investimentos e a adoção de novas tecnologias. No âmbito da sustentabilidade ambiental, destacou-se a necessidade de conciliar produtividade e conservação dos recursos naturais. Ainda, o respondente E03 declarou: “o desafio é produzir mais com menos impacto ambiental.” Esse equilíbrio é essencial para a longevidade do setor. A importância do diálogo entre setor público, privado e sociedade civil foi salientada para a construção de políticas eficazes. Um participante afirmou: “Só juntos poderemos superar os desafios estruturais.” A cooperação é vista como condição *sine qua non* para o desenvolvimento.

O estudo também revelou que a inovação não é mais opcional, mas requisito para a sobrevivência do agronegócio, tendo em vista que, “quem não inovar ficará para trás (E09).” A inovação permeia todas as dimensões do setor. Além disso, a diversificação da produção foi apontada como estratégia para mitigar riscos econômicos e ambientais, pois, segundo o respondente E01, “diversificar culturas e produtos protege contra oscilações de mercado.” Essa prática fortalece a resiliência. A análise dos dados demonstrou ainda que as pressões internacionais têm estimulado a adoção de práticas mais transparentes e responsáveis. Um entrevistado mencionou: “A pressão externa nos obriga a ser melhores.” Esse fenômeno tem efeito transformador.

Por fim, a expectativa quanto ao papel do Brasil no cenário global é de protagonismo, desde que haja alinhamento entre inovação, sustentabilidade e políticas públicas eficazes. Um profissional concluiu: “O Brasil tem tudo para ser líder, mas precisa se reinventar.” Essa visão encerra os resultados com uma perspectiva estratégica e prospectiva para o agronegócio nacional.

IV. Conclusão

A presente pesquisa possibilitou uma compreensão aprofundada das complexas dinâmicas que permeiam o agronegócio brasileiro no contexto das disputas comerciais e das exigências globais, destacando a intrínseca relação entre aspectos geopolíticos, ambientais e econômicos que moldam a atuação do setor. A partir das percepções dos 17 profissionais entrevistados, evidenciou-se que o agronegócio brasileiro está imerso em um ambiente volátil e multifacetado, no qual as decisões estratégicas transcendem a mera produção e envolvem negociações delicadas em arenas internacionais cada vez mais competitivas e reguladas.

Os resultados destacam que as barreiras comerciais, tanto tarifárias quanto não tarifárias, configuram obstáculos significativos, impondo uma necessidade constante de adaptação e resiliência por parte dos agentes do setor. Paralelamente, as crescentes demandas por sustentabilidade ambiental e responsabilidade social representam imperativos inadiáveis que desafiam o modelo produtivo tradicional, exigindo inovação tecnológica, capacitação e revisão das práticas operacionais. Esse cenário demanda uma integração efetiva entre políticas públicas, iniciativas privadas e esforços de capacitação para garantir a competitividade e a sustentabilidade do agronegócio.

Além disso, a pesquisa apontou que a infraestrutura logística e o acesso ao financiamento ainda constituem entraves relevantes para o desenvolvimento pleno do setor, comprometendo a eficiência e a expansão das cadeias produtivas. A ausência de uma articulação institucional robusta, capaz de coordenar esforços e promover políticas integradas, foi também identificada como um fator limitante para a maximização do potencial do agronegócio brasileiro no mercado global.

Por outro lado, as perspectivas apontadas pelos profissionais revelam uma consciência aguçada da necessidade de transformação e inovação, com destaque para o papel da digitalização, da governança corporativa e da diversificação produtiva como estratégias essenciais para enfrentar os desafios presentes. A valorização do capital humano, por meio da qualificação técnica e da atração de talentos, surge como componente crucial para consolidar essa trajetória de modernização e competitividade. Em síntese, este estudo reafirma que o agronegócio brasileiro possui condições estruturais e naturais privilegiadas para assumir uma posição de liderança no cenário internacional, desde que sejam implementadas estratégias coerentes que alinhem desenvolvimento econômico, inovação tecnológica e sustentabilidade ambiental.

O fortalecimento do diálogo entre os setores público e privado, assim como a ampliação de políticas públicas efetivas e a ampliação do acesso a recursos e capacitação, são imprescindíveis para garantir a perenidade e o crescimento sustentável do setor. Portanto, a pesquisa contribui para o aprofundamento do conhecimento acerca dos desafios enfrentados pelo agronegócio frente ao contexto geopolítico e às exigências globais, fornecendo subsídios valiosos para formuladores de políticas, empresários e demais atores envolvidos, ao indicar caminhos estratégicos que possam consolidar o protagonismo brasileiro no mercado mundial, promovendo, simultaneamente, uma agenda sustentável e socialmente responsável.

Referências

- [1]. BARROS, E. V. de M. O.; MACHADO, L. D. L.; FERREIRA, R. M. Gestão financeira no agronegócio: desafios e estratégias no contexto global. Revista de Gestão e Secretariado, [S. l.], v. 15, n. 8, p. e3934, 2024.
- [2]. CALIGARIS, B. S. A. et al. A importância do Plano Nacional de Fertilizantes para o futuro do agronegócio e do Brasil. Revista de Política Agrícola, 2022.
- [3]. FERREIRA, Zenaide Rodrigues; VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. Competitividade internacional do agronegócio. In: INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea). Agricultura, pecuária e pesca: capítulos de livros. Brasília: Ipea, [s.d.], 2025.
- [4]. PETRÔNIO, L. C. de F.; MARJOTTA-MAISTRO, M. C.; MONTEBELLO, A. E. S.; RODRIGUES, L. O agronegócio de açúcar orgânico no Brasil: principais regiões produtoras e inserção no mercado internacional. Iheringia, Série Botânica., [S. l.], v. 77, 2022.
- [5]. SANTOS, Dvison Willian; RAMOS CLEMENTINO, Valdner Daizio; BORGES, Umarac dos. Lean manufacturing no agronegócio: uma análise bibliográfica da produção científica das bases Web of Science e SciELO no período de 2000-2020. Exacta, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 253–278, 2022.
- [6]. QUINTAM, C. P. R.; ASSUNÇÃO, G. M. PERSPECTIVAS E DESAFIOS DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO FRENTE AO MERCADO INTERNACIONAL. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 4, n. 7, p. e473641, 2023.